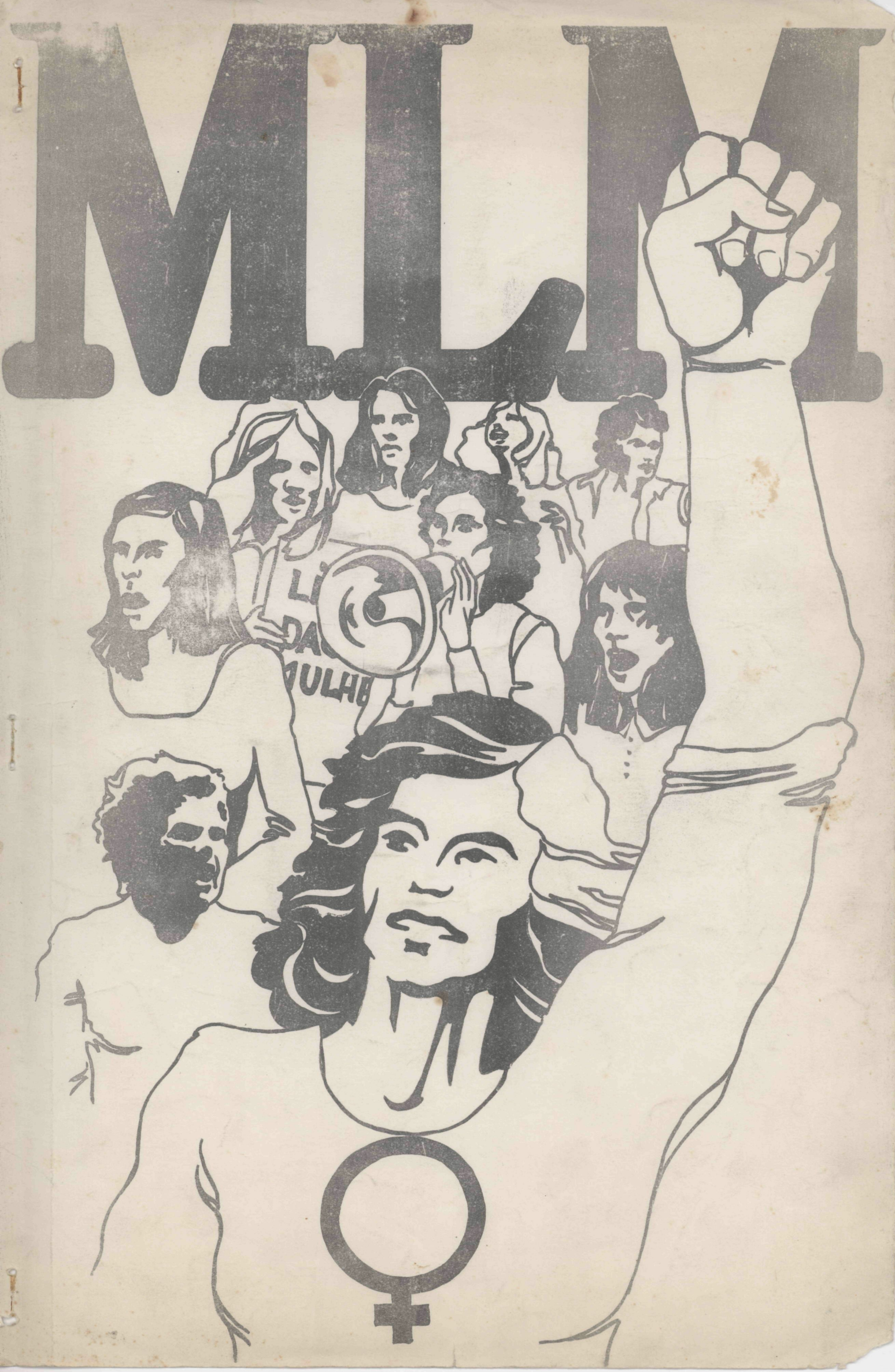
MLM



sobre o feminismo

A sufragista, feminista do princípio do século, que se batia pelo sufrágio universal, foi sempre - e de certo modo ainda é - atribuído o papel da figura ridícula por excelência. A guerra que lhe foi feita pelo ridículo foi sempre a grande arma usada pelos homens naquilo que lhes convém não existir, ser unicamente luta de sexos.

A nós basta-nos pegar numa revista humorística e ver até que ponto o humor é feito à custa das mulheres.

A campanha imediata é a da difamação. E isto porque duas das principais preocupações-prisão da mulher são o seu aspecto físico e a má língua.

Mas ninguém falou (essa parte da história foi sempre escondida) da luta heróica que essa mulheres levaram a cabo, das prisões, torturas, das que morreram, de todas essas nossas irmãs que possibilitaram o termos hoje nas mãos como armas, o voto e o acesso - ainda difícil - à educação.

Mas estes primeiros movimentos feministas, não suficientemente politizados, representando tão só uma revolta espontânea sem teorização específica, tiveram, sem perderem o seu valor como pioneiras, uma fragilidade básica que permitiu a sua recuperação pelo sistema capitalista.

Ultimamente, nos anos sessenta, ressurgiram um pouco por todo o mundo os Movimentos de Libertação.

Em Portugal, no princípio do século houve várias tentativas, feitas por mulheres feministas de criação de Movimentos de Mulheres. Formou-se o Conselho Nacional de Mulheres e chegou mesmo a haver um primeiro Congresso Feminista.

Ao longo do processo fascista em Portugal, as mulheres não tiveram nunca o direito de falar. Continuaram a existir feministas portuguesas, como Elina Guimarães, e nas novas gerações foram surgindo mulheres com a mesma vontade de revolução, algumas trabalhando na sombra, outras ajudando em partidos políticos, mas sempre sem possibilidades de se reunir e lutar, por si próprias, contra a opressão de que são vítimas. O 25 de Abril trouxe essa possibilidade de reunião e assim nasceu o Movimento de Libertação das Mulheres (MLM).

sobre o feminismo (cont.)

♀♀♀ E qual é a nossa luta ? O que é o Feminismo ?
Muito simplesmente poderíamos defini-lo como uma tomada de consciência colectiva - por parte das mulheres - da opressão a que são sujeitas, numa sociedade falocrata (de dominação masculina), dividida em classes, nas quais a mulher situada dentro da família sofre uma opressão especial nas suas tarefas domésticas (às quais os homens chamam de "femininas" porque não gostam de ser eles a fazê-las); no seu papel social em que são normalmente usadas como máquinas reprodutoras, ou então como objecto para o prazer do homem - que do nosso, bem pouco se ocupam.
Somos exploradas como mães, pela demissão que os homens fazem da paternidade, tendo, nos últimos dois séculos, ELES resolvido que "crianças são trabalho de mulher" !

♀♀♀♀ Mais do que isto, e talvez mais grave, é aquilo que nós, feministas, chamamos de "colonização mental". Isto é o condicionamento que nós, mulheres, recebemos desde a mais tenra infância, a lavagem cerebral de que somos vítimas e que nos leva a considerarmo-nos como sendo inferiores aos homens, a aceitar a sua tutela e os trabalhos que nos convenceram ser própios e obrigatórios para o nosso sexo. Somos condicionadas para morrer, os homens para viver. Ensinam-nos a abdicar de tudo, dos nossos mais fundamentais direitos de ser humano, para nos subordinarmos a um homem, aos filhos, a toda a sociedade de estrutura masculina e mesmo machista em Portugal. Ao homem, inversamente, ensina-se que tem o "direito" de se apropriar da vida e da força de trabalho de qualquer mulher, o que leva a aceitar um status de superioridade do homem em relação a todas as mulheres.
Referimo-nos aqui a um tipo de opressão que existe em sociedades capitalistas e nas ditas "socialistas".
Além desta opressão, no vigente sistema capitalista há ainda toda a descriminação feita ao nível de educação, formação profissional, salário e tipo de trabalho.

♀♀♀♀♀ O MLM em Portugal fez a sua aparição pela primeira vez denunciando exactamente a descriminação salarial, que continua a fazer-se com o tácito acordo de todas as forças chamadas "progressistas" !
O MLM tentou por várias vezes utilizar a imprensa diária para dar conhecimento a todas as mulheres, através dos seus comunicados, de quais eram os objectivos e a sua forma de luta.
Isto não só foi impossível devido ao boicote que nos tem sido feito, como todas as nossa reuniões e manifestações públicas foram falsamente noticiadas !

→ → → → → → → →

Inventaram-se coisas que não dissemos, foram-nos atribuidas acções que nunca nos propusemos fazer e tem o MLM sido sempre tratado pelos órgãos de informação - a exmplo do que aconteceu aos primeiros movimentos feministas- como "coisa ridícula", "coisas de mulheres", logo "sem importância para a generalidade das pessoas" (homens, senhores do mundo !)

REINVIDICAMOS O DIREITO DE LUTAR !

Não como "companheiras na sombra" mas como revolucionárias contra a opressão- - exploração que nos é imposta ! A que compratilhamos com o homem, mas também aquela de que o homem é agente !

NÃO SOMOS CONTRA OS HOMENS, MAS CONTRA O "HOMEM VELHO"!

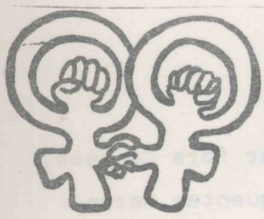
Faremos nascer o "homem novo", já não submetido, e que nenhum Estado poderá oprimir !

Lutaremos contra todas as formas de descriminação racista, sexista, económica !

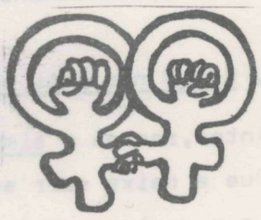
Lutaremos contra o culto da virilidade-brutalidade-violência-morte !

Contra a feminilidade-passividade-submissão-servilismo !

Queremos um mundo novo, uma sociedade igualitária !



NÃO À REVOLUÇÃO SEM LIBERTAÇÃO DAS MULHERES
NÃO À LIBERTAÇÃO DAS MULHERES SEM REVOLUÇÃO



A causa da existência dos Movimentos Feministas é estudar as razões, as formas e as consequências da opressão das mulheres, formular princípios que a possam combater.

Os Movimentos Feministas realizam o estudo do dia-a-dia opressivo da mulher. Isso leva-nos a uma crítica severa do machismo - a ideologia da dominação do macho.

libertação?

. "Promoção é subida de posto. Elevação de dignidade,de cargo,de graduação a outro superior."

. O MLM não luta pela promoção da Mulher !

Antes,recusa a simples passagem de aprendiz a operária. De 2ª escriturária a 1ª escriturária. De empregada a patroa. Porque,por mais degraus que a Mulher suba,a escada continua a pertencer ao mesmo edifício. E é o próprio edifício que recusamos ! Edifício onde há senhores e servos. Mandadores e mandados. Promotores. Promovidos. Desigualdade.

."Emancipação é livrar-se do poder paterno. É o estado daquele que,livre de qualquer tutela,pode administrar os seus bens livremente."

. O MLM não luta pela emancipação da Mulher !

Antes,recusa a simples carta de alforria que à Mulher permite trabalhar fora de casa. Que a deixa sair sozinha. Que lhe dá autorização para fumar,guiar,fraquentar bares, ir a restaurantes,vestir calças,saias curtas,viajar. Porque tudo isto,só,é insuficiente.Inoperante. E corresponde apenas a sinais exteriores da evolução dos costumes e de fenômenos económicos normalmente chamados Moda.

. "Libertação é pôr em liberdade,tirar da prisão."

. O MLM luta pela libertação da Mulher,lutando pela libertação da sociedade !

O MLM recusa os vícios da sociedade capitalista,racista,sexista. O MLM recusa a competição. A dominação do mandador. A desigualdade. E o MLM recusa também a futilidade A apatia. A pseudo-liberdade em que se movimenta a sociedade - e a Mulher. Enredada no desiquilíbrio dos seus direitos e deveres. Presa na sua insuficiência cultural. Instalada na sua condição de passivo receptáculo. Inconsciente. Apolítica. Irresponsável. Alegre "Branca de Neve" explorada por todas as classes exploradas.

a exploração-opressão das mulheres na sociedade de classes

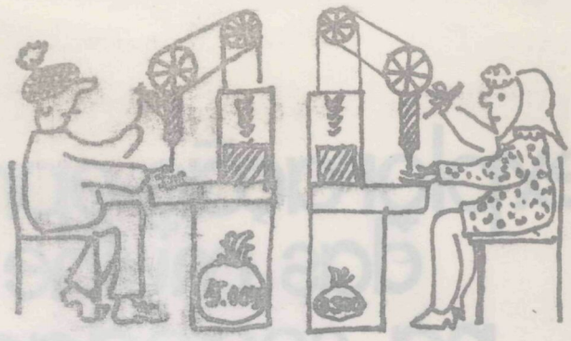
Durante anos e anos andámos de olhos fechados, durante anos e anos vimos sendo submetidas a uma exploração e opressão a que habitualmente chamam deveres de mãe, de dona de casa e por fim de uma mulher...

Desde que nascemos fomos tratadas de uma forma diferente da dos homens, educaram-nos para obedecermos cegamente... era esse o nosso dever! Educaram-nos para sermos " esposas e mães ", educaram-nos enfim, para que mais tarde pudessemos ser escravas submissas, para que pudessemos ser tudo, menos aquilo que nos dita a nossa condição de mulheres.

> Em casa quem tinha sempre razão era o PAI!
>
> mais tarde...
>
> ... quem tem sempre razão é o marido!

Se os nossos deveres eram e são diferentes dos homens (segundo eles) também o são os nossos direitos. E é assim que trabalhamos 24 horas por dia, sem férias nem 13º mês; é assim que os direitos de todos os trabalhadores não são os nossos direitos.

A famosa "inferioridade - fragilidade" feminina serve sempre para encobrir a exploração - opressão de que somos alvo. Não somos frágeis para fazermos abortos consecutivos, para trabalharmos 24 horas por dia para o marido e para os filhos sem reforma, sem descanso, sem férias. A mulher só é frágil e inferior quando tenta fazer algo de diferen-



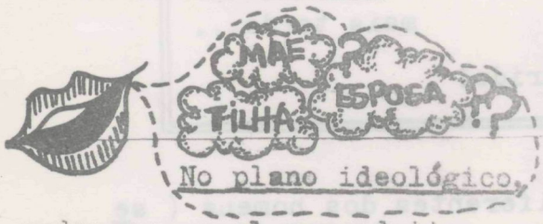
te, quando tenta assumir a sua própria personalidade, quando tenta ser ela, mulher, e como tal assumir os seus direitos.

Para que possamos lutar contra a nossa exploração-opressão, para que possamos assumir livremente a nossa condição de mulheres, é necessário sabermos as raízes dessa mesma exploração.

é necessário que nos unamos!

No plano económico, a sociedade capitalista incapaz de assegurar os serviços sociais indispensáveis, à manutenção de força do trabalho, utiliza as mulheres como um corpo de domésticas que fornecem 30 a 70 horas de trabalho gratuito por semana ao serviço do marido e dos filhos.

Compreende-se bem aé que visa o culto da família tal como o celebra quotidianamente a burguesia. A existência e a solidez da célula familiar permitem-lhe fazer a economia do que representa o trabalho doméstico das mulheres.



No plano ideológico, as mulheres veem-se essencialmente confinadas ao papel reprodutivo - o trabalho das mulheres consiste em fazer crianças, a ocupar-se delas, a ter a casa em ordem e a reconfortar o homem; este trabalho nunca é apresentado assim, mas como uma missão cujo cumprimento enriquece a persolnalização de quem o cumpre. Uma mulher e mãe e esposa e filha afeiçoada só, se se dispuser a pôr o seu trabalho às ordens dos outros durante horas e horas, nos dias de festa, nas férias e à noite, sem réplica.

Esta relação de trabalho é só e sempre visto em termos pessoais; como facto pessoal entre homem e mulher, onde o primeiro tem o direito a apropriar-se do seu trabalho. Explica-se continuamente à mulher que o seu

mundo é a família e não a sociedade, Não lhe resta senão encontrar soluções individuais para os problemas sociais e económicos; quando aumentam os preços, logo que o salário já não chegue, a mulher a "dona de casa" troca um prato mais caro por um mais barato e assim resolve os seus problemas....

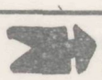
Nós não dizemos que o homem é o único a beneficiar com o trabalho da mulher. É certo que ele tira vantagens não negligenciàveis. Mas antes de tudo o trabalho gratuito feito pela mulher, permite aos capitalistas pagarem um salário bem mais inferior ao homem, do que aquilo que seria necessário, caso este tivesse que pagar os serviços de uma mulher a dias, de uma costureira, cozinheira, lavadeira, enfermeira, etc. é pois um salário aditivo. Às mulheres que vivem sós, separadas ou divorciadas, não toca evidentemente um salário aditivo que vão juntar .... a nada.

É assim que os trabalhos mais mal pagos são reservados às mulheres e os salários mais altos aos homens, pois estes têm encargos familiares e não seria pois nada fácil envia-los para casa a coberto da " ideologia " de que o " seu lugar é no lar ".

TRABALHO NA FÁBRICA
" NOS ESCRITÓRIOS
" NOS ARMAZÉNS

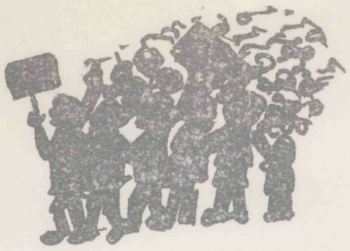
SALÁRIO ADITIVO

Na medida em que a exploração no plano profissional e a exploração no plano doméstico se tornam complementares, esta só poderá acabar com a abolição desta dupla exploração ou melhor com a destruição do sistema social que a engendra.



PARA QUE DESAPARECA -

O tempo em que as mulheres ficavam em casa fechadas, aceitando a subcarga das tarefas domésticas, refugiadas perante a sua sorte como perante a fatalidade.



Sob os pretextos invocados de absentismo, faltas por gravidez etc - estas discriminações revelam cruamente, o papel da mão-de-obra de choque, do exército industrial de reserva, a que o patronato entende fazer pagar as mulheres. Pois estes têm necessidade de um certo nº de trabalhadoras que se empregue nas alturas de expansão económica, mas que se despede assim que a conjuntura baixe. Em Portugal actualmente são as mulheres este volante de mão-de-obra - vejamos os despedimentos massivos no material eléctrico, PLESSEY, SMICONDUTORES, indústria textil SOGANTAL.

Na agricultura, em Évora 10. 000 mulheres desempregadas para 4. 000 homens.

Porque as mulheres domésticas, principalmente as mulheres de uma condição social mais desfavorável só vão trabalhar quando o ordenado do marido já não chega, o salário que elas vão ganhar é pois considerado como não sendo o salário principal da família, mas sim um salário que se junta ao do marido e que ajuda o casal a passar os maus bocados afastadas da acção colectiva, impedem-nos de nos organizarmos.

É por isto que nós devemos, pela luta, conquistar os direitos elementares.

DIREITO À PALAVRA - As mulheres devem aprender a falar em público.

DIREITO A ORGANIZAR-MO-NOS - As mulheres devem deitar abaixo o seu isolamento e aprender a mobilizar-se, a descer à rua.

As mulheres devem tomar nas suas mãos seu destino, devem organizar-se entre elas, deitar abaixo a muralha da ignorância que leva à sua dispersão; de onde a necessidade de movimentos autónomos de mulheres.

Habituada a calar-se, a não ser senão o 2º sexo, a mulher fica realmente sem se saber exprimir quando o homem está presente. Ela deixa-se colocar nas tarefas subalternas, mesmo fora do lar- tanto lhe disseram que era " normal "... Em nome das prioridades os seus problemas vêm sempre na cauda da lista, quando não são escamoteados.

PARA QUE DESAPAREÇA -

O tempo em que as mulheres aceitavam o seu trabalho na fábrica, no escritório por salários ridículos, em empregos estafantes e embrutecedores, sem se mexerem, submetidas aos chefes, e divididas entre elas.

ORGANIZEMO-NOS
OUSEMOS LUTAR
APRENDAMOS A UNIR-NOS

A superexploração, um duplo dia de trabalho, a acumulação das tarefas domésticas, são obstáculos materiais contra as nossas lutas; a vida da família, a educação, os preconceitos mantêm-nos

TRABALHO DOMÉSTICO
TRABALHO INVISIVEL → TRABALHO NÃO PAGO

O trabalho doméstico é um trabalho invisível, enriquece o CAPITAL; permite subpagar o operário, de não tomarem conta as infraestruturas colectivas (creches, cantinas, lavandarias automáticas, etc) e por outro lado manter a família aonde para além de outros acontecimentos, a rapariga aprenderá a trabalhar gratuitamente.

No plano ideológico, " o segundo sexo"é apresentado como um objecto de luxo vitima da sociedade de consumo, objecto para ser trocado, vendido como qualquer outro.

É assim que na sua existência quotidianamente, as mulheres são vítimas de uma dupla opressão, a que lhe infligé o capitalismo em geral enquanto trabalhadoras e a que sofrem da parte do sexo dito forte. Esta dupla opressão exprime-se de uma forma presistente e escandalosa no seio das empresas entre o seu trabalho e o dos homens; a massa dos salários femininos é 40% inferior ao dos salários masculinos.

Nós devemos tomar à nossa conta os nossos próprios problemas e EXIGIR A CADA OCASIÃO, na fábrica, no escritório, em casa:

- REPARTIÇÃO E COLECTIVIZAÇÃO DAS TAREFAS DOMÉSTICAS
- SALÁRIO IGUAL PARA TRABALHO IGUAL
- POSSIBILIDADE DE IGUAIS QUALIFICAÇÕES A NÍVEL PROFISSIONAL
- DESAPARECIMENTO DE DISCRIMINAÇÕES

as mulheres na lei

A lei é o espelho da organização social, onde se fixam as imagens dos dominantes e dos (das) dominados (dominadas).

Como a nossa organização social se baseia sobre a família hierarquizada, é na sociedade familiar que os laços de dominação do homem sobre a mulher são mais fortes.

Em resultado, são as leis que regulam a família que estabelecem as descriminações mais graves sobre a mulher.

Quando um homem e uma mulher, por mútuo acordo, decidem-se casar-se, a lei não garante à mulher a existência do casamento da mesma forma que ao homem: o marido pode fazer anular o casamento, ou seja repudiar a mulher, se ela não estiver virgem antes do casamento. Ter a mulher de sujeitar-se, quer a exames médicos (altamente duvidosos) quer a devassa à sua vida íntima, a fim de se provar se era ou não virgem antes do casamento, é atentório da dignidade humana. Esta desigualdade, aliás considerada

as mulheres na lei (cont.)

como resultado de preconceitos socialmente ultrapassados, mostra afinal como o homem se apodera da sexualidade da mulher, e que, no fim de contas, as mulheres não são senhoras de si mesmas e do seu próprio corpo, mas reprimidas por força da lei.

Assim que casam, as mulheres perdem um certo número de direitos que até aí tinham e vêm reduzida a sua capacidade civil, como se passassem a ser menores.

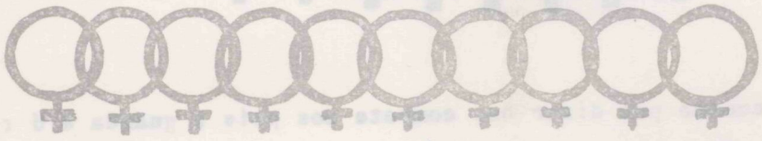
Deixam de ter residência própria, pois, em regra, a sua residência obrigatória é a do marido.

Passam a estar sujeitas à autoridade do marido, que é o chefe da família: este representa a família para todos os efeitos e decide em todos os assuntos da vida comum, quer a mulher esteja de acordo, quer não. O marido é, em regra, o administrador de todos os bens familiares e ainda dos bens da mulher.

As mulheres casadas só administram os seus próprios bens se tiverem casado com separação de bens, se se tratar de bens móveis exclusivamente destinados ao seu próprio trabalho ou noutros casos igualmente excepcionais.

Na administração dos bens comuns e dos bens da mulher o marido tem poderes absolutos, pois presume-se que administra sempre bem e não tem que prestar contas, nem dar satisfações a ninguém. A mulher só lhe pode retirar a administração dos bens que a ela pertencem, se provar em tribunal que a administração do marido é tão ruinosa que ela está em perigo de perder o que é seu ou se a sua parte nos bens comuns estiver pretes a ser penhorada. As acções judiciais, em defesa da mulher, terão que ser intentadas a tempo de evitar que o risco se consume...

A lei atribui à mulher o " governo doméstico ", ou sejam, para as que não têm criada, a obrigação de fazer as tarefas domésticas. Assim, duma maneira airosa, por força do casamento, as mulheres das classes não prèviligiadas passam a trabalhar de graça para a família, a troco apenas do seu sustento e manutenção.



Mas se a mulher também trabalha fora de casa ou tem rendimentos de qualquer outra origem, está legalmente obrigada, da mesma maneira que o marido, a contribuir para as despesas domésticas, sem que se tenha em consideração o valor económico que representa o seu trabalho doméstico. Nestes casos, as suas responsabilidades quanto ao governo ou trabalho doméstico não são reduzidas.

É pois por via legal que é imposta ao " sexo fraco " a chamada dupla tarefa, ao mesmo tempo que se cerceiam os seus direitos quanto à decisão e administração, dentro da família, e se limitam as suas actividades lucrativas e de trabalho...

É que a mulher casada também não pode comerciar sem autorização do marido; se exercer qualquer outra actividade lucrativa, sem que o marido tenha dado o seu consentimento, ele pode desfazer os contratos, se lhe apetecer; e se a mulher trabalhar para outro patrão, o marido também pode impedir legalmente o começo ou a continuação do trabalho da mulher, alegando razões fortes. Em qualquer destes casos, a mulher não tem sequer o direito de se opor, de alegar as suas razões. Para as mulheres casadas não existem portanto o direito ao livre desenvolvimento das suas personalidades através de actividades lucrativas nem o direito ao trabalho.

Poderão livremente (na lei) exercer profissões liberais, ser funcionárias públicas e desenvolver actividades desinteressadas escaritativas mas deverão prestar obrigatoriamente trabalho doméstico, nestas últimas condições-desinteressadamente e sem paga.

Apesar de, na nossa sociedade se exaltar o papel da mãe, como a mais nobre função da mulher, e de se elogiarem os seus sacrifícios, dedicações e trabalhos, as leis que dizem respeito às relações com os filhos, mantêm-na numa posição subalterna, afinal coerente com a situação de " incapaz " na família.

Embora a lei comece por dizer que compete aos pais a guarda e direcção dos filhos menores não emancipados, faz em seguida uma partilha de " poderes " que competem ao pai, e à mãe e nesta partilha ... a mãe só recebe obrigações, nenhuns direitos à altura duma criatura responsável.

Ao pai compete, " como chefe da família " tomar todas as decisões que digam respeito aos filhos: sustento, instrução e educação, emancipação, administração de bens, defesa, representação, autorizações, assistência moral, etc." .

À mãe compete: " ser ouvida "; participar em tudo o que diga respeito aos interesses dos filhos; substituir o pai quando ele estiver impossibilitado ou em lugar desconhecido; e " velar pela sua integridade física e moral " .

Quer dizer que a mãe não tem direito de decisão, mas apenas de dar a sua opinião, sem qualquer garantia de que é tomada em consideração, mas deve participar, quer dizer, contribuir com a sua parte a favor dos interesses dos filhos; que deve tratar do corpo e do espírito dos filhos, deve criá-los, alimentá-los, cuitar deles, educá-los e que pesada carga, para quem é ultrapassado na definição das posições sobre o assunto!.

Prevê ainda a lei que o pai, por sua morte, escolha um tutor para os filhos, embora a mãe esteja viva! E que toda a criança nascida durante a vigência de um casamento deve ser registada forçosamente como filho do marido da mãe, sem que a mãe possa intentar acção para provar o contrário, podendo mesmo nem sequer ser ouvida sobre o assunto. Nestes casos, só o marido da mãe ou o Ministério Público podem, dentro do prazo fixado, impugnar a paternidade atribuida por lei.

Perante esta panorâmica, as mulheres:

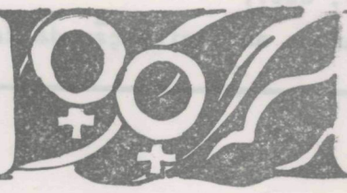
- Não querem ser tratadas legalmente como seres inferiores - porque o não são;
- Não querem que, através do casamento que não devia ser mais do que a legalização da união entre o homem e a mulher - elas obtenham um chefe e passem a ser escravas sem direitos mas com obrigações;
- Não querem que o trabalho doméstico lhes seja imposto sem qualquer compensação, redução ou partilha, e sem participação do Estado, por meio de creches, jardins-de-infância, cantinas, lavandarias, etc.;
- Não querem ser descriminadas na legislação da família.

AS MULHERES QUEREM

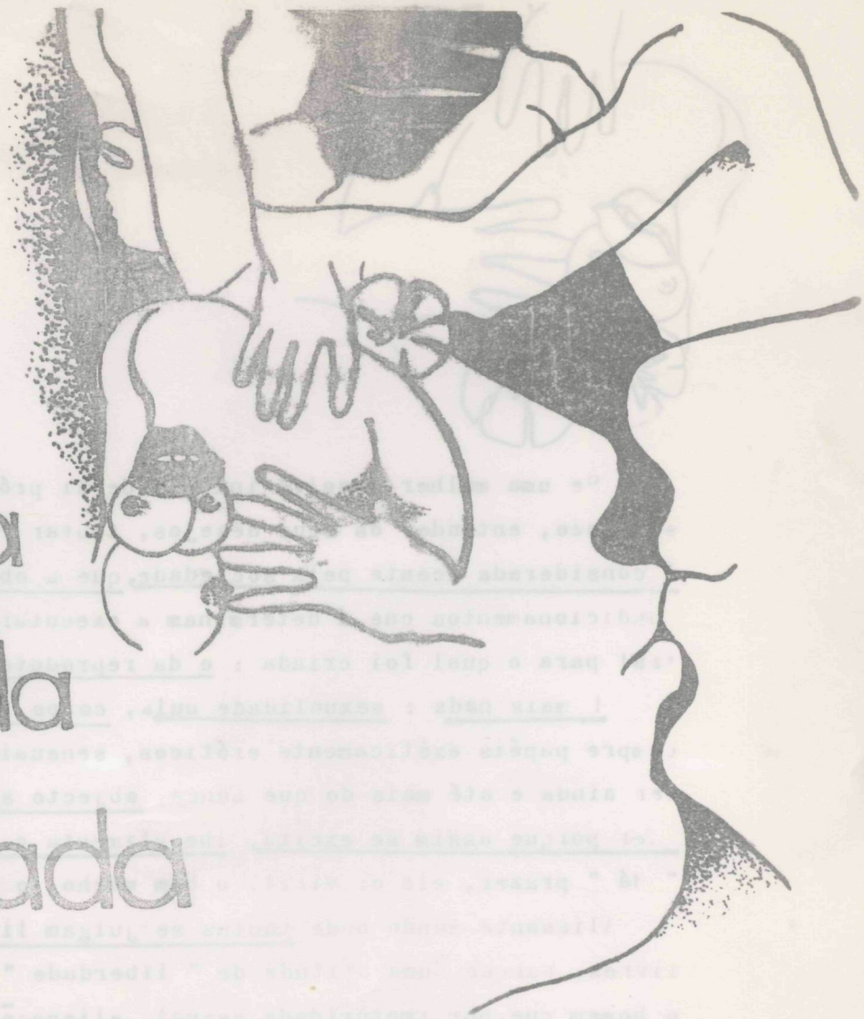
- A revogação de toda a legislação da família, de carácter patriarcal, em que se estabelece o domínio de um sexo sobre o outro e a dupla exploração da mulher pela sociedade e pelo homem;

- Que entre o marido e a mulher, entre o pai e a mãe se estabeleçam direitos e obrigações absolutamente iguais;
- Que esta igualdade seja efectivamente e realmente garantida;
- Querem ser pessoas humanas na plenitude dos seus direitos;
- Querem a sua libertação.

O feminismo levanta o espectro da velha guerra dos sexos.
Numa tentativa de descrição das feministas, as pessoas afirmam que somos mulheres de aspecto físico pavoroso, com problemas psicosexuais e frustrações, e que somos todas lésbicas e putas...
O feminismo é um movimento político de mulheres motivado pelas oposições entre homens e mulheres, oposições essas históricas. A política das mulheres é a resposta primeira e violentamente consciente das mulheres à sua opressão - - tudo isto originado pelos poder e privilégio reais que os homens têm sobre nós.
Dos últimos 150 anos as lutas políticas tiveram formas e história diversas. Desde a Revolução Francesa que há memória de agitações feministas ; temos presente Olympe de Gouges e a sua "Declaração dos Direitos da Mulher".
A Comuna de Paris é outro exemplo das lutas das mulheres, que já aí exigiram o direito de organização separadamente. Num percurso rápido da História, encontramos as sufragistas que, pelo mais básico direito democrático de qualquer cidadão numa democracia liberal, derrubaram um domínio exclusivamente masculino. Historicamente, o feminismo tem sido heterogéneo - muitas tácticas, análises e estratégias foram debatidas e postas em prática.



Os movimentos tentam manipular as possibilidades de um sistema político da classe dominante para conquistar novos direitos e condições para as mulheres. Assim, há a corrente de tendência socialista que se baseia em "A origem da família, da propriedade privada e do estado", de Engels ; o argumento fundamental reside no facto de a opressão das mulheres coincidir com o desenvolvimento da propriedade privada, e entende que as condições para a libertação das mulheres começarão a estabelecer-se no momento da abolição desse mesmo sistema ; no entanto, toda a gente sabe que, apesar do seu desaparecimento, a situação base da mulher é a mesma - cita-se, por exemplo, o caso dos países comunistas, onde a mulher continua a ser explorada. Talvez deva acrescentar-se que é um problema de costumes. Assim, a "divisão de trabalho" entre os dois sexos dá ao homem, na medida em que é quase sempre ele que exerce o trabalho fora de casa, o poder económico que ele utiliza para subjugar a mulher.
As feministas radicais enveredam o seu pensamento pela violência e estudo profundo, e advogam que a subjugação das mulheres envolve não só a opressão económica, mas igualmente uma opressão psicológica e biológica.



sexualidade atrofiada sexualidade envergonhada sexualidade ignorada

A sexualidade, até aparecerem os primeiros Movimentos Feministas, era pertença apenas do homem, que dono absoluto da mulher, determinava (e determina), a partir da sua e do seu gozo, a sexualidade feminina; condicionando-a, determinando-lhe a prazer, obrigando-a a assumir uma sexualidade falsa e a recusar a relação com o seu próprio corpo, submissa e pronta a tudo aguentar sem nada ou quase nada sentir (quantas vezes, sim o desprazer ...), corpo violentado ou apenas submetido, onde se despejam os " dejectos " de um gozo que nada tinha a vêr consigo, obrigada que estava a não ser mais do que objecto de prazer do homem que a usava, manipulava e a forçava ...

Hoje, quase nada se modificou. Queremos dizer: satisfação autêntica, a sua e não a que tem sido levada através dos séculos a mimar: ardências, " furores uterinos ", gemidos enrouquecidos, olhos revirados, lábios húmidos e ... claro ... muitos orgasmos vaginais !

Desse modo, a mulher habituou-se a cumprir inúmeros papéis. Entre outros, temos o da " vamp ", o da " devoradora de diamantes ", o da " ninfomaníaca " (o homem que gosta de fornicar é viril; a mulher é doente, é anormal ...), o da ingénua, o da virgem irredutível, o da distante mas sensual, eróticamente dispostas a tudo experimentar ... Ou o reverso da medalha : o da frígida, o da histérica, o da recalcada, o da traumatisada, lésbica, intelectual - masculinizada ...

O da traumatizada ? Que ironia !

Se uma mulher resolve indagar de si própria, " ouvir " realmente o seu gozo, entender os seus desejos, tentar relacionar-se com o seu corpo, é considerada doente pela sociedade, que a obriga à docilidade e lhe criou condicionamentos que a determinam a executar, sem hesitações, o papel ancestral para o qual foi criada : o da reprodutora.

E mais nada : sexualidade nula, corpo inexistente, pois até quando cumpre papéis exóticamente eróticos, sensuais, não faz outra coisa do que ser ainda e até mais do que nunca, objecto sexual do homem, que assim a quer porque assim se excita, lhe alimenta o ego: não será ele que lhe " dá " prazer, ele o: viril, o bom macho, o bom amante ?

Alienante mundo onde tantas se julgam livres, neste caso sexualmente livres, porque numa atitude de " liberdade " (julgam elas ...) imitam o homem que, por imaturidade sexual, alienação também, ele mesmo vítima de uma situação anómala, que o seu despotismo em relação à mulher, criou (aqui, muitas outras considerações haveria a fazer em relação à sexualidade e repressão), se deita com " todas " as mulheres, como se desse modo mascarasse algo que, perdido no papel viril a que se apegara como estandarte, considerasse no fundo, como sendo impotência ...

É de homem, o ter muitas mulheres ...

O ter muitos amantes nada modifica a nossa insatisfação sexual. Continuamos a servir o gozo de outro, que por seu lado continua a ignorar o nosso corpo. Ou melhor : o nosso verdadeiro corpo. O nosso verdadeiro gozo. E nós, a aceitarmos esse meio-prazer, essa meia violentação (quando não violentação total ...) constante. Se nós mesmas ignoramos o nosso corpo, com ele não temos qualquer relação ...
Se nós mesmas ignoramos a maior parte das vezes qual é o nosso verdadeiro prazer, os nossos verdadeiros orgasmos ...

Quantas mulheres morreram e morrem sem conhecer um orgasmo, embora o imitassem bem toda a sua vida? Quantas mulheres vivem desesperadas, escondendo aquilo que elas tomam por frigidez?

Não existem mulheres frígidas ! Existem apenas mulheres que ignoram a sua autêntica sexualidade!

Recusemos o medo de ouvirmos, de conhecermos o nosso corpo.

Quebremos os tabús a que temos estado sujeitas!

Recusemos os mitos a que temos estado presas, agrilhoadas há séculos e séculos!

Olhemos o nosso corpo sem vergonha. Toquemo-lo, sigamos com os dedos, nele, os caminhos que nele vão dar ao saber de nós (a masturbação é um dos tabús que temos de fazer desaparecer).

Nada é feio no sexo quando autêntico e assumido claramente, frontalmente!

Nada é anormal ou menos são, se (sem usar o (a) outro (a)) atingirmos a satisfação máxima dos sentidos a que temos direito.

A mulher é dona do seu corpo, não deverá ser ela, então, que tem de o descobrir e dele decidir?

Vamos começar a falar, sem embustes nem mentiras (quebremos os mitos, os tábus exigidos por uma moralidade sexualmente repressiva) do nosso prazer!

Vamos começar a falar da nossa sexualidade?

Vamos falar do orgasmo clitoridiano?

Vamos rasgar de uma vez por todas o mito do orgasmo vaginal, castrador, causador de tantas e tantas mulheres infelizes e desesperadas pelo fantasma de uma frigidez que os homens querem conservar, como uma das ínumeras formas de se prender a mulher, de a submeter de a imobilizar, de a destruir?

Vamos dizer não, á boneca-sexual-falante, que o homem tem sabido manter, à custa de um execràvel despotismo, debaixo do seu corpo: trespassada, violada, afundada na solidão mais profunda!

Vamos exigir o direito ao nosso corpo!

Vamos exigir o direito à nossa livre sexualidade!

as mulheres e a família.

A família actual portuguesa é consequência da evolução da famíli romana, definida como um organismo social cujo chefe, o homem, mantinha poder de vida ou de morte sobre os outros membros, que eram a mulher, os filhos e os escravos.

É o tipo de família patriarcal, só com um chefe, o patriarca, desde o início ligada à propriedade privada de pessoas e de bens. O chefe possui a mulher e os filhos, e transmite a estes últimos os bens através de herança. Nesta família a mulher existe apenas como reprodutora, permitindo que os bens continuem na posse dos descendentes directos do chefe.

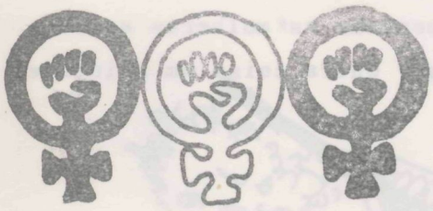
É nesta família, a célula base, que veio assentar toda a sociedade europeia, que manteve a mesma hierarquia - um chefe absóluto com domínio e autoridade, conservando os outros sob a sua dependência e as suas leis arbitrárias.

Apesar de toda a evolução verificada de lá para cá, a família mantém uma estutura semelhante, sendo o papel principal da mulher a reprodução, tendo os filhos que(ainda)não lhe pertencem, mas ao marido (poder paternal), além de ser obrigada ao trabalho doméstico, trabalho que cumpre sem qualquer remuneração e ao qual não é dado valor económico. Assim defénido, pode-se considerar o trabalho doméstico de hoje como um dos últimos redutos de trabalho escravo, visto que como este é defénido primeiro pela sua obrigatoriedade e segundo pela sua não remuneração. Claro que no caso da mulher a exploração económica vem sempre acompanhada da exploração sexual, obrigada a sujeitar-se ao marido, dar-lhe filhos saídos do seu corpo, mas não conservando sobre eles qualquer direito, mas muitos, muitos deveres.

É um facto que muitas mulheres já exercem uma profissão fora de casa. Aliás desde sempre a sociedade nunca pôde passar sem o trabalho das mulheres; a lenda das mulheres terem trabalhado só no serviço doméstico, nunca foi verdade senão em relação à burguesia. Desde sempre a mulher trabalhou ao lado do homem; desde que houve artesanato e depois indústria, houve artesãs e operárias.

Porque razão nos querem fazer crer o contrário? Convém aos exploradores conservar o mito da mulher,esposa,doméstica pois mantem-se assim uma enorme massa de trabalhadoras mentalizadas de tal modo que elas masmas não consideram o seu trabalho como fundamental, aceitando por isso menores salários e podendo ser despedidas em qualquer altura (vejamos o que se está a passar em Portugal devido à crise económica.) Afinal, as mulheres aceitam como natural serem elas as primeiras prejudicadas, pois um homem sempre é o"chefe", e a "função"duma mulher é o lar...

As mulheres tabalhadoras, além de terem sempre as tarefas de mais baixo salário, de para tarefas iguais receberem salários inferiores continuam a ter todo o trabalho doméstico a seu cargo, juntando assim dois horários de trabalho sob o olhar complacente de toda a sociedade que, chamando-lhe "sexo fraco", acha natural a mulher trabalhar duas vezes mais que o homem.



É de reparar aqui, que a lei portuguesa depois de dar à mulher o "direito" de ser ela a fazer todo o trabalho de casa, ainda diz que trabalhando a mulher também deve contribuir para as despesas do "lar". Contribui assim a mulher duas vezes, para o tal lar, de que o homem é dono, para os filhos, que não lhe pertencem mas ao marido.

Mas a exploração da mulher não acaba aqui. O mito da maternidade, a exaltação do papel da mãe, faz com que a mulher seja sempre a principal responsável na educação dos filhos, que aceite todos os sacrifícios, trabalhos, que faça tudo por " AMOR " sem que tal lhe venha jamais a dar algum direito de decisão sobre a vida dsetes, decisão que cabe ao pai!

Levam-nos a acreditar que os filhos são obra nossa. Mas só depois dos anos passarem nos rendemos conta, de que primeiro são do pai, e depois pertencem ao mundo. E da mulher com filhos crescidos espera-se que morra com calma e sem fazer barulho. Afinal já cumpriu a sua missão no mundo: REPRODUÇÃO!

Retiram-se assim às mulheres as dimensões humanas, fazendo-as reprodutoras e domésticas. Em certas zonas rurais, é mais lamentada a morte de uma vaca de que a de uma mulher. Nascemos e morremos, nunca sendo consideradas mais do que um veículo de transmissão do poder do pai para os filhos.

Neste contexto existe a família portuguesa, na qual as relações entre as pessoas não são humanas, nem de amor, mas de obrigatoriedade, de troca, como dizia Engels, a mulher o proletário, o marido o patrão. A moral burguesa tenta

salvaguardar as aparências, fazer ver na família uma relação de amor, em liberdade, quando na realidade a família é uma célula económica que permite aos governos e a toda a sociedade continuar a viver à custa do nosso trabalho escondido, do nosso trabalho de sobrevivência, do nosso trabalho não pago, mas que é realmente o que mantém a sociedade viva e em continuação. Qual o governo, qual a nação que nos pagará a nós os milhões de horas de trabalho que fornecemos por dia?

Mantendo o trabalho doméstico em produção privada, a exploração das mulheres enclausuradas entre quatro paredes, o mundo dos homens ganha, mas todas as mulhers perdem. Mas esta célula económica, de reprodução, de força de trabalho que é a família, mantem-se primeiro à mercê de um conjunto de leis, opressoras e depois pela própria força da inércia, que leva a perpétuar, ideológicamente uma tradição cómoda para a sociedade machista. Desde pequeninas as mulheres aprendem que o seu destino é ser doméstica e mãe, e qualquer outra coisa um acidente.

Enquanto que o homem através do seu controle da natureza foi modificando as forças e os meios de produção, assim se fazendo a história, no que diz respeito à reprodução, função natural, só últimamente pôde ser controlada pela mulher. Assim poderemos transformar uma função puramente animal e dar-lhe uma dimensão humana, controlando o nosso corpo, visto termos hoje na mão o poder de escolha - a contracepção.

Qual será a família do futuro? Terá concerteza que perder o seu ditador - o chefe sem pre homem quando existe- representante de Salazar em todos os lares da nossa terra. Terá que ser uma família em igualdade e sem hierarquias, uma família sem tarefas "sexuadas" em que todos se ocuparão do essencial, para que todos possam ter o direito de escolher o trabalho em que querem realizar-se. Em que as crianças não serão mais o objecto da mãe, nem oprimidas pela autoridade do pai.

Como será a família, onde não exista nem opressão nem exploração? Lembramos que a opressão e exploração tem sido sofrida sempre na célula familiar pela mulher (excepção confirma a regra).

Todas as fórmulas são possíveis, e o futuro será aquilo que nós, vós quiserdes.

reivindicações imediatas do MLM

1 - DECLARAÇÃO, FEITA EM CONSTITUIÇÃO PORTUGUESA, DE DIREITOS IGUAIS PARA AMBOS OS SEXOS, COM CONDENAÇÃO PENAL DA DESCRIMINAÇÃO SEXISTA.

2 - POR EFEITO DESSA DECLARAÇÃO, REVISÃO IMEDIATA DO CÓDIGO CIVIL, CÓDIGO PENAL, LEGISLAÇÃO DE TRABALHO.

3 - SALÁRIO IGUAL PARA TRABALHO IGUAL. ACESSO IMEDIATO A TODAS AS PROFISSÕES. PROMOÇÕES PROFISSIONAIS EM IGUALDADE.

4 - RECONHECIMENTO, PELO ESTADO, DO VALOR ECONÓMICO DO TRABALHO DOMÉSTICO.

5 - AS LEIS SOBRE INFÂNCIA E MATERNIDADE DEVEM SER CONSIDERADAS COMO UM DEVER DA SOCIEDADE PARA COM O SEU FUTURO, E NÃO COMO "PROTECÇÃO" ÀS MULHERES.

6 - CRECHES E EQUIPAMENTOS SOCIAIS COLECTIVOS PAGOS PELO GOVERNO.

7 - REFORMA E ASSISTÊNCIA MÉDICA E MEDICAMENTOSA PARA TODAS AS MULHERES, POR DIREITO PRÓPRIO COMO TRABALHADORAS, E NÃO POR "DÁDIVA" DEPENDENTE DOS HOMENS QUE AS RODEIAM.

8 - DIREITO À CONTRACEPÇÃO E AO ABORTO LIVRE E GRATUITO; ACOMPANHADO DE UM UMA CAMPANHA NACIONAL DE ESCLARECIMENTO E EDUCAÇÃO SEXUAL

ESTAS SÃO AS REIVINDICAÇÕES NECESSÁRIAS PARA LEVAR A CABO A NOSSA LUTA !

Esta brochura, primeira publicação do M.L.M., surge como uma necessidade sentida por um grupo de militantes do movimento de fazer chegar ao maior numero possivel de mulheres as discussões e os problemas que debatemos.

Não temos ainda "ideias feitas" "nem verdades acabadas"- estamos conscientes de que o que nos move é a nossa opressão-exploração enquanto mulheres, mas que muito há a fazer...

Esperemos que esta brochura abra uma discussão entre as mulheres. Pelo menos uma coisa é certa, há já mulheres que se reunem e discutem juntas o que as oprime e a melhor forma de levar a cabo a sua luta!

Mas sós nada conseguiremos, juntas venceremos.

Contacta connosco:

MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DAS MULHERES
AV.PEDRO ÁLVARES CABRAL, 49 LISBOA

1975